

Editorial

Um turbilhão de transformações

A revista **Estudos em Jornalismo e Mídia** chega aos seus leitores com uma edição que sinaliza com nitidez um panorama abrangente da produção científica contemporânea na área da Comunicação. Quando se chegou à decisão de que “Cibercultura e Jornalismo” seria o eixo temático deste número, a Comissão Editorial imaginava que receberia muitos artigos para avaliação, mas as expectativas foram todas superadas, dadas a quantidade de textos submetidos, sua variedade e qualidade.

Ao final do processo de sete meses do lançamento da chamada, avaliação, edição, revisão e publicação, há a clara percepção de que o conjunto oferecido nas próximas páginas é uma demonstração substantiva de como os pesquisadores brasileiros vêm investindo em temas que derivam da interface Cibercultura-Jornalismo: das transformações tecnológicas e culturais na indústria e no campo da informação, passando pelo reposicionamento dos públicos e dos processos de circulação, são enfocados neste número também assuntos como multimídia e convergência, mídias sociais e web semântica, narrativa transmidiática e hiperlocalismo. Assuntos todos incontornáveis para quem pensa, pesquisa e se interessa por jornalismo e mídia. Não é à toa que, neste Volume 9 Nº 1, a seção que reúne os artigos do eixo temático tenha se hipertrofiado.

A EJM do primeiro semestre de 2012 começa com as reflexões de Bernardo Kucinski sobre revolução tecnológica e implicações nas práticas jornalísticas. Neste texto, que foi base para sua aula magna no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina – seu *debut* na instituição como professor visitante – o autor adota uma postura de perplexidade frente às transformações que, na sua visão, configuram uma nova era da comunicação. Em direção paralela, Rublescki

evoca o cada vez mais influente sociólogo Zygmunt Bauman para falar de metamorfoses produtivas e jornalismo líquido.

Medeiros e Lôrdelo discutem a circulação de opinião e informação no ciberespaço e suas implicações sociais. Para as autoras, as novas mídias vêm gerando debates sobre o potencial de um novo ambiente de deliberação pública, um maior espaço para a comunicação não-hegemônica e a legitimidade/credibilidade das informações difundidas. Aprofundando a reflexão, Tonus recorre as suas experiências mercadológica e docente para dimensionar a lacuna tecnológica estabelecida nos últimos vinte anos, com a informatização das redações, entre a formação jornalística e o exercício da profissão.

Magalhães apresenta um estudo sobre a seção do Painel do Leitor da Folha.com, com o objetivo de investigar os papéis que os públicos assumem no contexto do ciberespaço: jornalista amador, fonte, compartilhador e receptor. Outros dois estudos de caso são apresentados na sequência: Bueno e Moraes abordam regionalidade no portal maranhense imirante.com, e Lenzi relata como os repórteres do *Diário Catarinense* buscam se adequar para a produção de conteúdos noticiosos multimídia num cenário de convergência.

Neste contexto, Martins e Aguiar mostram como a retransmissão online, o uso do Twitter e a adição de elementos característicos da web contribuíram para a cobertura convergente e transmidiática de dois debates eleitorais na Paraíba. Um ano após o anúncio, Mascarenhas, França e Nicolau recuperam a narrativa transmidiática em torno da morte de Osama Bin Laden.

Redes e mídias sociais também são abordadas pelos autores neste número. Kischinhevsky trata de como a circulação de conteúdos radiojornalísticos se reconfigura a partir do uso de mídias sociais e serviços de microblogging. Zago aborda um fenômeno emergente no Twitter, a trollagem. Conforme recorda a autora, trollar é “perturbar o bom andamento de uma comunidade virtual através da postagem de mensagens negativas ou fora de contexto”. O escopo de seu artigo é identificar ações de trolls no processo jornalístico. Amaral e Kehl apresentam experiências de uso do

Facebook como estratégia de ensino de jornalismo digital desenvolvidas em uma instituição do Rio Grande do Sul.

Para concluir a seção do eixo temático, dois artigos apontam tendências entrelaçando o jornalismo e a cibercultura. Lammel e Mielniczuk relatam como o site BBC Wildlife – que usa tecnologias de Web Semântica para gerenciar e publicar conteúdos – contribui para potencializar o jornalismo em base de dados. Santos retoma as discussões acerca da flexibilização dos direitos autorais e o licenciamento de conteúdos pelo sistema *Creative Commons* para apontar novos caminhos para a circulação no jornalismo digital.

Na seção Temas Livres, Castilho recupera como o jornal *O Globo* construiu a narrativa sobre o assassinato do jornalista Tim Lopes ocorrido há dez anos. Bruck e Castro se debruçam sobre o quadro *Conversa de Redação*, do Jornal da Itatiaia, transmitido diariamente pela Rádio Itatiaia de Belo Horizonte, para averiguar alguns movimentos de estilo e de hibridização de gêneros. Dornelles tematiza distinções de forma e conteúdo entre jornais de bairro e cadernos dedicados a bairros.

Na seção de resenhas, Agnez aborda o livro “Jornalistas-Intelectuais no Brasil”, de Fábio Pereira, enquanto Vogel se debruça sobre “K.”, romance de estreia de Bernardo Kucinski, mas que transita entre o jornalismo e a literatura, conforme a resenhista.

Diante de um conjunto de textos tão espesso e multifacetado, que enseja tantas reflexões e interlocuções, resta apenas desejar uma experiência rica e pulsante ao leitor!

Rogério Christofolletti, editor